

A influência da *performance* vocal no desenvolvimento das funções cognitivas e comunicativas da linguagem oral da criança

Juliana Grassi Pinto Ferreira (Universidade de Itaúna, Itaúna, Minas Gerais)
artenossa@nwm.com.br

Resumo: Este artigo trata da influência da *performance* vocal no desenvolvimento das funções cognitivas e comunicativas da linguagem oral da criança e do Canto como recurso pedagógico na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Prioriza os aspectos ligados à *performance* vocal na comunicação social e interpessoal, no processo de letramento e alfabetização, no auto-conhecimento, na auto-afirmação e na preservação da saúde vocal. Para tanto, recorre ao pensamento de vários educadores e especialistas no assunto e à análise e questionamento dos Referenciais Curriculares Nacionais, que orientam as políticas e programas de educação infantil nos níveis estadual e municipal.

Palavras-chave: *performance* vocal, linguagem oral, canto, referenciais curriculares nacionais.

The influence of vocal *performance* in the development of cognitive and communicative functions of child oral language

Abstract: This article deals with the influence of vocal *performance* in the development of the cognitive and communicative functions of the oral language of the child, approaching singing as a pedagogical resource in the Brazilian Elementary Education for children. It gives priority to the aspects linked to the vocal performance in the social and personal communication, in the writing learning process, self knowledge, self-confidence and in vocal health care. Thus, it resorts to the ideas of several educators and theorists in the subject and to the analysis and questionnaire from the National Curriculum References in Brazil, which directs the policies and programs on children education at both state and municipal government levels.

Keywords: vocal *performance*, oral language, singing, Brazilian teaching references.

1 - Introdução

A qualidade da *performance* vocal pode influenciar no desenvolvimento das funções cognitivas e comunicativas da linguagem oral da criança? Qual o diferencial do uso da voz cantada como recurso pedagógico nesse processo? Tentaremos responder a estas questões, levantando aspectos que possam indicar a influência da *performance* vocal no desenvolvimento das funções cognitivas e comunicativas da linguagem oral da criança, a partir do pensamento de grandes educadores e especialistas no assunto, e da análise e questionamento das orientações dos referenciais curriculares nacionais para a educação infantil e ensino fundamental.

Trataremos do termo *performance* vocal como o desempenho e domínio da voz na emissão sonora no que diz respeito ao seu uso correto, saudável, estético e musical, seja na voz falada ou cantada, envolvendo aspectos técnicos e expressivos. BLOCH (1980, p.22), esclarece que "VOZ se refere, simplesmente, à emissão sonora. Um

bebê pequeno tem voz, mas não fala". O ato mecânico de articulação das palavras refere-se à FALA, "uma criança começa a falar quando emite as primeiras palavras com significado"; enquanto que a LINGUAGEM "é o código usado, o repertório de que dispomos para falar, o sistema simbólico adotado para a intercomunicação". Portanto, a voz não inclui necessariamente fala e/ou linguagem, mas linguagem oral inclui automaticamente fala e voz. Sendo assim, neste artigo, sempre que nos referirmos à fala ou à linguagem oral, estaremos nos referindo também à voz como um de seus componentes fundamentais e sua *performance*.

2- Aspectos indicativos da influência da *performance* vocal no desenvolvimento das funções cognitivas e comunicativas da linguagem oral da criança

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, 1998, p.135 v.3), orienta que uma de suas tarefas é "ampliar,

integrar e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante", pois:

"O trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento." (p.117)

Para GOULART (1978, p.87), a linguagem "tem um aspecto motor, que coexiste com o aspecto intelectual e afetivo", sendo a criança "sensível ao valor da linguagem, antes mesmo de ser capaz de utilizar a palavra". ACREDOLO & GOODWYN (2003, p.04), defendem que a linguagem para a criança pode ser "o elo para a sua sobrevivência e o seu bem estar" e que, independente da idade, "a comunicação bem-sucedida com outras pessoas torna a vida melhor". E VIGOTSKI (1998, p.33), afirma que "antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala", pois, "(...) a relação entre fala e ação é dinâmica no decorrer do desenvolvimento das crianças" (p.37). Em seus experimentos, Vigotski constatou dois fatos relevantes para nossa pesquisa:

"(1) A fala da criança é tão importante quanto a ação para atingir um objetivo. As crianças não ficam simplesmente falando o que elas estão fazendo; sua fala e ação fazem parte de uma mesma função psicológica complexa, dirigida para a solução do problema em questão."

(2) Quanto mais complexa a ação exigida pela situação e menos direta a solução, maior a importância que a fala adquire na operação como um todo. Às vezes a fala adquire uma importância tão vital que, se não for permitido seu uso, as crianças pequenas não são capazes de resolver a situação." (p.33)

Para prosseguirmos nossa reflexão, levantaremos alguns tópicos que associam aspectos da linguagem oral que consideramos passíveis da influência da *performance* vocal, com aspectos da linguagem musical que apontam para o Canto como um valioso recurso pedagógico na Educação Infantil e Ensino Fundamental:

2.1. Da comunicação social e interpessoal

VIGOTSKI (1998, p.38) esclarece que "as funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se (...) a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças" uma vez que, para estas, a utilização de "signos e palavras constituem (...), primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas". E a música, segundo os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, 1998, v.3, p.45), "é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio" e deve ser compreendida como "linguagem e forma de conhecimento, englobando as mais diversas fontes sonoras. Nesse con-

texto, a voz é considerada como o "primeiro instrumento" (DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL, 1978, p.18), e a música, como uma "forma de discurso" que pode servir de "apoio ao desenvolvimento de estratégias de ensino" (SWANWICK, 2003. p.15-16). VALENTE (1999, p.119), ressalta que a voz na comunicação é "mais do que as palavras que são pronunciadas, mais do que a qualidade do som que sai da boca; é o corpo inteiro, caixa de ressonância que fala, emanando energia", e afirma que "a história da voz cantada está diretamente atada à evolução da música como linguagem" (P.133). BEHLAU (2004, p.01), atribui à voz a responsabilidade pelo "sucesso das interações humanas" considerando que ela é o "meio de comunicação mais usado" na Educação Infantil, e "veículo de estimulação do desenvolvimento da própria linguagem da criança pequena" (p.55). Afirma que a entonação da voz está "intimamente relacionada à musicalidade de nossa comunicação", uma vez que complementa o seu significado, dando "ênfase ao conteúdo do que é falado" e tornando a emissão vocal "mais agradável" (p.32). Para BLOCH (1980, p.23), "palavras iguais significam coisas diferentes, conforme a entonação utilizada, conforme a ênfase dada" e que a voz é "altamente vulnerável ao que ela própria veicula: - a emoção". FONTERRADA (1994, p.38), destaca um outro aspecto da linguagem musical, afirmando que, "como sistema temporal, a música une passado, presente e futuro", sendo a experiência musical resultado da ligação e simultaneidade desses três momentos, levando à utilização da memória e da imaginação. Nesse sentido, KUSNET (apud QUINTEIRO, 1989, p.98), afirma que a nossa imaginação é a fonte da palavra: "antes de começar a falar, nós imaginamos o que vamos dizer, só depois transformamos essas imagens em palavras".

2.2. Do auto-conhecimento e da auto-afirmação

MUNHOZ (2002, p.39) ressalta a importância da voz como "um instrumento vivo que nasce com a gente", revelando nossa identidade e nossos sentimentos. O próprio Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, 1998, p.25) defende a importância da "aquisição da consciência dos limites do próprio corpo" no "(...) processo de diferenciação do eu e do outro e da construção da identidade." DINVILLE (2001, p.03), afirma que "a voz está intimamente ligada à personalidade de cada pessoa, pois é a emanção de sua afetividade, de sua sensibilidade, bem como o reflexo de sua individualidade fisiológica e psicológica." E BLOCH (1980, p.9-10) complementa defendendo que a voz "(...) revela a condição física, emocional, cultural de cada ser humano" e "(...) é tão característica quanto a fisionomia ou a impressão digital". Defende que "das melhores coisas que se pode fazer por alguém é dotá-lo da melhor voz possível".

2.3. Da saúde vocal:

BLOCH (1980, p.23), afirma que o material fornecido pelo meio ambiente é um dos requisitos da fala, além das condições normais do "aparelho fonador", da boa audição

e da maturação do sistema nervoso. "Falamos com um aparelho que não foi criado, originalmente, para este fim, (...) por isso a fala se desorganiza com tanta facilidade" e (...) a voz se modifica com tanta frequência" (p.18). Uma das características da sociedade contemporânea é a velocidade crescente dos acontecimentos, com reflexos na fala das crianças das novas gerações, acompanhando o pensamento que flui cada vez mais rápido. Além disso, a alta incidência dos mais variados tipos de ruídos, vem transformando a nossa "paisagem sonora"¹ e trazendo

as mudanças "não somente nos ritmos corporais, como também na entoação da fala" (VALENTE, 1999, p.37). Esse fator vem também acarretar um aumento significativo no que os especialistas de voz definem como competição sonora², aumentando o índice de problemas vocais entre crianças e professores, o que faz também, por outro lado, aumentar a responsabilidade da escola. A Tabela 1 abaixo, a partir de pesquisa feita por R. Murray Schafer (1991, p.128), mostra a ocorrência de sons humanos na "paisagem sonora" no decorrer das épocas.

	Sons naturais	Sons humanos	Sons de utensílios e tecnologia
Culturas Primitivas	69%	26%	5%
Culturas Medieval, Renascentista e Pré-Industrial	34%	53%	14%
Culturas Pós-Industriais	9%	25%	66%
Hoje	6%	26%	68%

TAB.1 – "Paisagem sonora" humana ao longo da história da humanidade (SCHAFFER, 1991, p.128)

2.4. Do processo de letramento e alfabetização da criança

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, 1998, p.35-36), no processo de letramento e alfabetização, a questão central é a competência discursiva, integrando, dentro de uma proposta baseada principalmente na psicologia genética e na teoria sócio-interacionista, frase, palavra, sílaba e letra, de acordo com necessidades específicas e partindo do texto como unidade básica. Porém, permanece ainda hoje no Brasil a polêmica da escolha do melhor método de alfabetização, devido aos altos índices de fracassos escolares e baixa performance de leitura dos estudantes brasileiros no âmbito internacional. Vários países de primeiro mundo optaram pelo método fônico como método oficial, o que repercutiu positivamente no cenário educacional brasileiro, trazendo questionamentos e gerando também uma maior atenção para a performance vocal, mesmo que com maior ênfase na articulação do que na emissão sonora. SILVA & ABUD (2004), constataram através de pesquisa³ realizada com professores que atuam no ensino fundamental, que estes, na sua maioria, aprovam a orientação construtivista, porém "boa parte deles igualmente utiliza alguns princípios do método fônico como a correspondência explícita entre grafema e fonema", ou seja, utilizam um "método misto", prevalecendo o bom senso. Uma vez que "o processo de compreensão do código escrito (...) é sistematizado por letras do alfabeto,

representantes do código oral", defendem a possibilidade de resgatar "(...) procedimentos relativos ao método fônico (...) em momentos específicos, independente do aspecto da reabilitação, significando um (...) avanço qualitativo no processo de alfabetização (...) (SILVA & ABUD 2004, v.10, n.2, p.143-146). Esclarecem que:

"Quando se estabelece como ponto de partida a oralidade da criança, para inicia-la no processo de aprendizagem do código linguístico, estamos trabalhando, muitas vezes, com a memória auditiva, que leva o aluno a discriminar sons e os grafemas que os representam. As atividades organizadas pelo professor visando a essa identificação necessariamente devem incorporar a correspondência fonográfica, bem como palavras e textos significativos para as crianças. (p.146)

As letras, no contexto atual, são trabalhadas e apresentadas à criança "de forma supostamente progressiva, iniciando com as vogais, depois as consoantes; em seguida as sílabas até chegar às palavras" (BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, 1998, p.120). Para VALENTE (1999, p.130) "as vogais permitem a invenção melódica, enquanto as consoantes articulam o ritmo." Segundo SCHAFFER (1991, p.224), baseado nos antigos rabinicos, as vogais, "são a alma das palavras, e as consoantes, seu esqueleto", porém, "(...) é a vogal que fornece asas para o voo da palavra". Nesse sentido, CHENG (p.52), afirma que "o som da voz é sustentado pelas vogais". No canto são utilizadas técnicas aplicadas para o refinamento da emis-

¹ Termo criado por Murray Schafer em "A nova paisagem sonora" (1979)

² "Falar competindo com ruídos do ambiente" (BEHLAU, DRAGONE & NAGANO, 2004, p.49)

são vocal onde, na maioria delas, as vogais ocupam um papel fundamental. BLOCH (1985, p.18) esclarece que "as vogais são as emissões em que não há obstaculização. A constrictão não se realiza", e (...) "a coluna sonorizada circula; atravessa, livremente, as cavidades acima da glote. Já a consoante é um som da fala que apresenta um obstáculo parcial ou total". Observa ainda que "muita gente pensa que o treinamento de incorreções ou alterações se faz somente nas *consoantes* e nos *encontros consonantais*", ressaltando que "as *vogais* também precisam ser *aprendidas*. Elas não surgem prontas." PÉREZ-GONZÁLEZ (2000, p.41), estabelece a partir da análise dos movimentos de lábios e língua nas vogais e suas correspondentes sensações dentro da boca, uma ordem de impedância⁴, que na emissão vocal significa "um tipo de resistência à propagação da voz dentro da boca e do nariz" e que não coincide com a ordem inicial do processo de letramento e alfabetização:

a – é – ó – ê – i – ô – u (ordem crescente em impedância)

Para PÉREZ-GONZÁLEZ (2000, p. 40-41), "(...) a impedância é um fenômeno físico, mas o uso consciente dela é uma atitude técnica" e "(...) aos movimentos dos lábios e da língua corresponderão sensações da voz na boca, específicas para cada vogal (...) sensações rigorosamente anteriores aos timbres respectivos que irão chegar aos ouvidos".

3 – O canto como recurso pedagógico na educação infantil e ensino fundamental: considerações sobre repertório

O canto constitui-se em uma das mais significativas formas de expressão das crianças que, no uso espontâneo da voz, utilizam-se dos mais variados recursos sonoros. Sua importância é ressaltada por diversos autores, associada a aspectos diferentes, porém complementares. Segundo FONSECA (2005, p.141), "a música vocal da criança demonstra ter um curso evolutivo previsível, de forma análoga ao seu desenvolvimento cognitivo" e é utilizada pela mesma "para manifestar sua forma singular de perceber o mundo". BIAGIONI, GOMES E VISCONTI (1998) estabelecem uma relação entre os elementos constitutivos da música⁵ segundo WILLEMS (apud ROCHA, 1990), ou seja, ritmo, melodia e harmonia considerados como elementos de vida de ordem fisiológica, afetiva e mental", respectivamente, e os estágios do desenvolvimento da inteligência segundo Piaget: sensorio motor, pensamento intuitivo e operações formais. E SWANWICK (apud FRANÇA, 1998) afirma que "as artes envolvem os processos psicológicos do *jogo imaginativo, domínio e imitação*," que se relacionam "com as formas principais de engajamento musical: composição, performance e audição".

Os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil (1998, v.3, p.71) recomendam o uso de jogos e brincadeiras musicais próprios da cultura da criança e que são transmitidos por tradição oral, uma vez que "possibilitam a vivência de questões relacionadas ao som (e suas características), ao silêncio e à música" e proporcionam o "desenvolvimento expressivo musical". Neles incluem: "os acalantos (cantigas de ninar); as parlendas (os brincos, as mnemônicas e as parlendas propriamente ditas); as rondas (canções de roda); as adivinhas; os contos; os romances etc."

No que diz respeito à canção, BRITO (2003, p.91-93) esclarece que é "um gênero musical que funde música e poesia", e que resguardado o "ambiente de orientação e estímulo ao canto, à escuta, à interpretação", torna-se capaz de desenvolver a expressão musical da criança. Saliência ainda que o contato com a poesia que a música possibilita, pode ser muito rico uma vez que colabora na conscientização das crianças quanto às suas "potencialidades vocais, além de unir música e literatura". Acredita que "interpretar uma poesia valorizando seu material fonético, bem como o seu conteúdo expressivo, gera resultados interessantes que promovem o crescimento das crianças", sugerindo que elas sejam sonorizadas, transformadas em melodias e acompanhadas por instrumentos musicais. Defende ainda a importância de "apresentar às crianças canções do cancionário infantil tradicional, da música popular brasileira, da música regional, de outros povos etc" e que, "além de cantar as canções que já vêm prontas, elas devem ser estimuladas a improvisar e a inventar canções." Continuando, diz que "a improvisação deve ser entendida como uma ferramenta pedagógica importante, que acompanha todo o processo de educação musical, uma vez que o brincar representa o modo da criança de "comunicar-se musicalmente, traduzindo em sons seus gestos, sentidos, sensações e pensamentos, simbolizando e sonorizando, explorando e experimentando, fazendo música, história, faz-de-conta, jogo..." (p.152-153).

A improvisação musical, além de desenvolver a musicalidade, favorece a auto-percepção e conseqüentemente o melhor domínio da voz na performance, uma vez que, segundo PÉREZ-GONZÁLEZ (2000, p.20), a abordagem ocorre "de dentro para fora" sem o "compromisso com a meta a ser atingida". Na improvisação a memória auditiva é "acionada como referencial", e a atenção conduz a voz e detecta as sensações de "conforto na laringe". Além disso, a improvisação musical aproxima a criança dos novos referenciais estéticos da música contemporânea, onde as diversas formas de expressão se interagem. Segundo VALENTE (1999, p.163), a voz na música contemporânea tem seu conceito ampliado em termos estéticos e cuja dimensão se deve "não somente ao de-

³ "(...) Pesquisa realizada com professores das séries iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Taubaté".

⁴ "Tipo de resistência à propagação do som dentro de uma cavidade" (HUSON apud PÉREZ-GONZÁLEZ, 2000, p.41).

⁵ No que se refere à música tradicional.

envolvimento das vozes exploradas no universo da música", mas também à poesia sonora. Por outro lado, KÖLLREUTTER (apud BRITO, 2003, p.152), afirma que "toda improvisação, no contexto da educação, deve atender a objetivos musicais e humanos, especialmente porque, para ele, o grande objetivo da educação musical tem de ser a formação da personalidade do aluno." Nesse sentido FRANÇA (2003), destaca que o "aspecto mais importante a ser cuidado nas canções é a expressividade que brota do encontro entre a música e a idéia poética das letras, apostando no "encantamento e na espontaneidade como componentes imprescindíveis ao fazer musical" e orienta que as canções não devem ser "utilizadas simplesmente como exemplo de padrões rítmicos, melódicos e outros, que podem ser vivenciados e internalizados intuitivamente". Esclarece que esses elementos devem se transformar em "instrumentos da sua concepção expressiva e estrutural, cujo alcance final ultrapassa a dimensão artística e toca a dimensão humana".

KATER e LOBÃO (2001, p.3), recomendam "canções dos mais variados estilos e épocas, que tragam em sua constituição – música e letra – características próprias, capazes de possibilitar uma vivência expressiva criativa, prazerosamente envolvente e construtiva para os participantes." Defendem que o contato das crianças com o cancionário musical brasileiro pode:

"propiciar, em decorrência, um melhor conhecimento das particularidades de nossas produções artísticas, assim como dimensionar a prática destas canções, fazendo com que os participantes estabeleçam vínculos próprios e autênticos com seu meio sócio cultural." E ainda "que se tornem mais conscientes do valor do patrimônio cultural que herdaram e de cuja contínua revitalização são os legítimos responsáveis." KATER e LOBÃO (2001, p.6)

Portanto, a influência da *performance* vocal no desenvolvimento da linguagem oral da criança, de acordo com os processos aqui propostos, ou seja, através do canto, está diretamente associada à qualidade do repertório, considerando aspectos técnicos e expressivos.

4 – Considerações "finais"

Neste estudo, privilegiamos alguns dentre os muitos aspectos da *performance* vocal relacionados ao desenvolvimento das funções cognitivas e comunicativas da linguagem oral da criança, mas que já apontam para o canto como recurso pedagógico inter e multidisciplinar,

bem como para a necessidade de uma abordagem clara e específica sobre fonação e emissão vocal nos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil e Ensino Fundamental. Afinal, segundo os mesmos:

"a ampliação da capacidade das crianças de utilizar a fala de forma cada vez mais competente em diferentes contextos se dá na medida em que elas vivenciam experiências diversificadas e ricas envolvendo os diversos usos possíveis da linguagem oral. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental, 1998, 3v. p.134).

Consideramos que este é um momento propício para discutir a importância do Canto na Escola, uma vez que os métodos de alfabetização estão sendo reavaliados e rediscutidos. Surge aí a questão da capacitação de professores, para que os mesmos possam, de forma consciente e coerente, organizar objetivos, conteúdos, procedimentos, atividades e ainda avaliar os processos vivenciados pelas crianças. Sem a capacitação, a música continuará em defasagem em relação às outras formas de expressão trabalhadas no processo de construção do conhecimento na Educação Infantil e Ensino Fundamental. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, 1998, v.3), esclarece que o professor para integrar este conhecimento à educação, deve "assumir uma postura de disponibilidade em relação a essa linguagem", e destaca a sua importância:

"A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente." (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, 1998, 3v. p.45).

Porém, pelas possibilidades apontadas aqui, no que se refere à influência da *performance* vocal nas funções cognitivas e comunicativas da linguagem oral, o Canto merece um capítulo à parte. Lembrando SCHAFER (1991, p.239), "para que a língua funcione como música, é necessário, primeiramente, fazê-la soar e, então, fazer desses sons algo festivo e importante." Afinal, como dizia Guimarães Rosa (apud BLOCH, 1980, p.166):

"A linguagem e a vida são uma coisa só!"

Referências bibliográficas

- ACREDOLO, Linda e GOODWYN, Susan. *Sinais: A linguagem do bebê* São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2003.
- BEHLAU, Mara; DRAGONE, Maria Lúcia Suzigan; NAGANO, Lúcia. *A voz que ensina: O Professor e a Comunicação Oral em Sala de Aula*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 2004.
- BLOCH, Pedro. *Falar bem é viver melhor*. Rio de Janeiro: Pedro Bloch, 1980.
- BLOCH, Pedro. *Voz e fala da criança: no lar e na escola* Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1985.
- BRITO Teca Alencar. *Música na Educação Infantil*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CHENG, Stephen Chun-Tao. *O Tao da voz: uma abordagem das técnicas do canto e da voz falada combinando as tradições oriental e ocidental*. Prefácio de Jean Houston; tradução de Anna Christina Nyström. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL. *O canto na escola de 1.º grau*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Documentação e Divulgação, 1978.
- DINVILLE, Claire. *Os distúrbios da voz e sua reeducação*. Tradução Denise Torreão. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.
- FONSECA, Maria Betânia Parizzi.. *O canto espontâneo da criança de três a seis anos como indicador de seu desenvolvimento cognitivo-musical*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2005. Dissertação (Mestrado em Música).
- FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. Linguagem verbal e Linguagem musical. *Cadernos de Estudo: Educação Musical* 4/5. São Paulo: Atravez, Novembro, 1994.
- FRANÇA, Cecília Cavalieri. *Poemas Musicais* Belo Horizonte: Halt Gráfica Ltda, 2003.
- FRANÇA, Cecília Cavalieri. A integração de composição, performance e apreciação: uma perspectiva psicológica do desenvolvimento musical. *Música Hoje: Revista de Pesquisa Musical*. n.4. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- GOULART, IARIS Barbosa. *Fundamentos psico-biológicos da educação: 2.º grau*. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1978.
- JARDINI, Renata Savastano R. *Método das boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita: fundamentação teórica*. Livro 1. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- KATER, Carlos; LOBÃO, Paulo. *Musicalização através da canção popular brasileira: propostas de atividades criativas para uso na escola*. v.1. São Paulo: Atravez, Associação Artístico-Cultural, 2001.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. 3v. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- MUNHOZ, Laura Cyrineu. *Cantando e Aprendendo a mastigar, a ouvir, a respirar e a falar*. São Paulo: Editora Lovise LTDA, 2002.
- PÉREZ-GONZÁLEZ, Eladio. *Iniciación à técnica vocal: para cantores, regentes de coros, atores, professores, locutores e oradores*. Rio de Janeiro: E. Pérez-González, 2000.
- QUINTEIRO, Eudósia Acuña. *Estética da voz: uma voz para o ator*. São Paulo: Summus, 1989.
- SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. Tradução de Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- SILVA, Elizabeth Ramos da; ABUD, Maria José Milharezi. A práxis docente na utilização de métodos de alfabetização: construtivismo ou método fônico? *Revista Ciências Humanas*. v.10, n.2, jul./dez. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2004. p.143-149.
- SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.
- VALENTE, Heloísa de Araújo Duarte. *Os cantos da voz: entre o ruído e o silêncio*. São Paulo: Annablume, 1999.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. Organizadores Michael Cole et al. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Juliana Grassi Pinto Ferreira é graduada em Canto e Especialista em Regência Coral pela UFMG; ex-integrante do Coral "Ars Nova" da UFMG (de 1985 a 1987); regente dos corais "Arte Nossa" de Pará de Minas (desde 1987), "Una Voz" de Itaúna (desde 1996), Pif Paf da Rio Branco Alimentos (desde 2004); Diretora e Professora de Canto, Canto Coral, Flauta Doce e Musicalização na Escola de Música "Arte Nossa" de Pará de Minas desde 1988; professora de Expressão vocal e Ritmo na Faculdade de Educação Física da Universidade de Itaúna (desde 2002) e de Canto Coral e Musicalização na Escola Berlaar Sagrado Coração de Maria de Pará de Minas (desde 2006).